ANNO I — SÃO PAULO 1 DE JUNHO DE 1905 — NUM. 1

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A: GIULIO SORELLI — Rua S. Caetano, N. 30

O CARPINTEIRO

PUBLICAÇÁO QUINZENAL

PUBLICA-SE POR SUBSCRIPÇÃO VOLUNTARIA

ADMINISTRADOR

STEFANO SONCINI

A funcçâo moderna

das associaçoes operarias

Assim como todas as coisas que já entraram no campo da discussão, tambem a idea da organisação atravessou, e está todavia atravessando, um periodo historico em que apparecem as tendencias mais oppostas e divergentes.

Desde que sustenta com paixão e enthusiasmo as organisações de artes e officios, atè a quem nega a estas qualquer utilidade, a quem as considera mesmo nocivas, todos têm escripto e fallado muito, patrocinando com argumentações mais ou menos acceitaveis a superioridade de sua these.

Discutiu-se a sua utilidade; por assim dizer, anathomisaram-se todos os beneficios que os trabalhadores podem tirar das sociedades de artes e officios, calcularam-se os prejuizos ou suppostos [illegible]es; e as polemicas mais exhaurientes [illegible] ainda animadas entre os propagan[illegible]as das escolas entre si divergentes. Estas discussões, estas polemicas contribuiram para que a questão das organisações operarias se ache collocada sobre base solida, a unica que possa justificar a sua necessidade.

A idea da organisação como fim a si mesma não basta mais para satisfazer as exigencias do operario moderno, como não è mais sufficiente a esperança de um simples e talvez irrisorio melhoramento economico.

Não è sem razão que os nossos contradictores em materia de organisação dizem-nos: Admittindo mesmo que todos os operarios conseguissem um augmento de salarios que lhes permittisse de ganhar o dobro, o triplo do que ganham actualmente, não haveria, por consequencia logica, um augmento no preço dos productos por elles manufacturados? A que se reduziria, neste caso, o tal melhoramento economico? Ao nada.

Menos razão não têm quem combate a [illegible]e declarada num momento de enthusiasmo, sem preparação, sem calculo, sem que alguma especial circumstancia possa, senão garantir pelo menos dar a esperança do bom exito.

Isto deve comprehender o operario cosciente, o luctador moderno.

Não se pode, nem se deve limitar a acção das ligas de resistencia à obtenção de melhoras economicas; as associações operarias não deve ser fim a si proprias, por isto seria um grande prejuizo para a classe proletaria.

Instrucção e educação moral!.. Eis, quaes devem ser os fins principaes das odiernas organisações de artes e officios.

O operario está ainda possuido de innumeros preconceitos patrioticos, religiosos, politicos.

Toda uma argamassa de ideas divergentes atrapalham a natural evolução da consciencia proletaria.

E' um sacrosanto dever para os operarios, felizmente mais evolutos de envidar todos os esforços afim de que se possa sentir entre os companheiros de trabalho e de lucta a influencia regeneradora das ideas novas.

Esta missão pode pelos nossos amigos ser desenvolvida com certeza de exito nas mesmas ligas de resistencia.

A communhão de vida, a conversa[illegible]migavel entre os associados, todas [illegible]tunidades que se apresentam nas [illegible] trabalhadores são meios pa[illegible]dedicados companheiros de [illegible]nuar entre os trabalhado[illegible]ropaganda de instru[illegible]moral.

[illegible]nar-se para este fim; [illegible]eto, o jornal distribui[illegible]tre os associados, a [illegible]miuda, facil e, sobre-

As ligas de resistencia não devem atrophiar-se numa lucta improficua; torna-se preciso que estas saibam tirar o maior proveito no campo moral.

Os bons companheiros, os dedicados iniciem, então nas ligas de resistencia esta campanha de epuração moral; envidem todos seus esforços para tirar da sua propaganda todos os resultados que não podem falhar; sómente assim, as nossas associações corresponderão ás necessidades do momento historico que estamos atravessando.

Operarios!

Depois de ter lido o CARPINTEIRO nao o estragueis: dail-o a algum vosso amigo.

Divulgar o jornal é fazer propaganda pela nossa causa.

Militarismo

Com razão os nossos amigos do *Avanti!* lançaram o alarma entre a classe proletaria do Brazil, deante da ameaça do perigo antimilitarista que, pela louca mania de algum espirito bellicoso, parece queira trazer n'estas terras a sua acção deleteria.

Nos que conhecemos quantos males causo a velha Europa o terrivel monstro que como um gigantesco polypo estende os seus tentaculos sobre as desgraçadas nações que delles são victimas, chuppando a parte melhor das suas energias e riquezas; nós que não podemos pensar sem arrepio a tantos milhões de victimas immoladas sobre o altar ds espantoso colosso; nós faltariamos a um dever de consciencia se, recolhendo o apelo, não procurassemos de pôr em guarda nossos amigos e companheiros contra o que nos calculamos, com direito, o peior dos males.

E é a vós, companheiros de officina, ó a vós, amigos, collegas, operarios sem distincção de nacionalidade, sem questões de vistas politicas; é a vós que gritamos com toda força da nossa convicção:

O militarismo que tenta-se entrometter n'estas terras, venturosamente incolumes, é uma calamidade, é um monstro que procura attentar a nossa vida. que procura arrancar-nos do seio das nossas familias, onde os velhos paes, os pequenos irmãosinhos precisam do nosso auxilio; quer fazer-nos máos, quer ensinar-nos a matar, quer deixar-nos assassinos dos nossos irmãos, quer nos amaestrar a odiar os outros homens que nós não conhecemos, que não podemos odiar.

Nãa basta que as nosssas forças sejam diariamente absorvidas nas officinas onde nós apenas arrancamos para não morrer de fome; não bastam todos os prejuizos que gravitam como uma capa de chumbo sobre nós e nos offuscam o cerebro, não bastam todos os privilegios que são-nos impostos com todos os meios?

Uma outra cousa querem-nos impor que é no mesmo tempo infamia, privilegio, e prejuizo.

E' uma infamia porque a escola das armas é a escola dos assassinatos porque nos obriga a degollar-nos uns aos outros como tantas ovelhas; porque nos tornará correos necessarios de todas as atrocidades das guerras; porque arremessará contra de nós a avversão de tantas mães, de tantas esposas, e irmãos as quaes teremos matado inconscientemente, porque nos tinham ensinado a fazel-o, o filho, o marido, o irmão; é uma infamia emfim porque nos obrigará amanhã a assassinar os nossos mesmos companheiros de trabalho quando as necessidades da vida os lançará em lucta contra o enemigo commum, o capitalismo.

E um privilegio porque nos obriga a ficar como doceis instrumentos nas mãos dos nossos mesmos enemigos. porque nos arranca a necessidades das nossas familias, e faz-nos contribuir para a organização de tudo, um systema de furtos em beneficio dos que sobre o militarismo vivam e engordam-se e que delle recebem com que atulhar os cofres já bastante cheios.

E' um prejuizo porque contribue para manter aquellas fronteiras que são origem de odio entre os operarios, os opprimidos de todas as nações que veja o enemigos onde não ha senão amigos e irmãos; que não podem comprehender quanto é necessario convergir todas as forças do proletariado internacional para combater o unico enemigo, o enemigo commum; o capitalismo.

E' um prejuizo porque oppõe-se como um obstaculo a grande nobil idea que é o internaciolismo, á aspiração de quem deseja uma patria commum a todos os homens, grande como o universo.

E' um prejuizo que codtribue a retardar a nossa emancipação.

Operarios, companheiros de trabalho, amigos!

E' necessario oppôr-se com todas as nossas forças, com todos os meios possiveis e combater este monstro esta epidemia contagiosa que nos ameaça, é necessario oppôr-se a que isto nos seja imposto como um dever; é necessario que todo o proletariado Brasileiro grite bem alto que já está demasiado cargo de tributos e não se acha disposto a supportar os novos; é necessario que nós recusamos de pagar o nosso imposte de sangue.

Tudo isso é necessario, indispensavel, e se o que é hoje uma ameaça poderá amanhã ficar realdade então nos agiremos, e agiremos seriamente porque, ás bulhas de poucos interessados, possa oppôr-se a nossa vontade de homens e de operarios conscientes.

A organisaçao é a arma invencivel nas maos dos operarios para conseguir a sua emancipaçao.

O QUE DIZEM AS MÁQUINAS

Crepita o carvão na fornalha; ferve buliçosa a agua na caldeira; opprime o vapor, o embolo; o embolo empurra a biella; a biella move o eixo; o eixo faz girar o poderoso volante, e em quanto a maquina ruge como monstro fatigado, a correia sem fim põi em movimento outros eixos e outras rodas, outras correias e outras máquinas. A industria marcha, a producção augmenta, ò operario trabalha.

Que bello poder o da intelligencia humana! A' sua ordem multiplica-se o movimento e surgem o color e a luz.

Mas, ai! ainda púde a maquina dizer ao operario:

— Não te orgulhes. Em nada te differenças de mim. Instrumento de trabalho como eu, o teu estomago, como a minha fornalha o carvão indispensavel, só recebe o alimento estrictamente sufficiente para que continues desempenhando a tua funcção mecanica. Sou um instrumento mais apreciado do que tu, porque como tu ha muitos e custas menos. Quando me gasto, tiram-me; quando te gastas, abandonamte. E' o mesmo; o mesmo não, peor; porque a tua unica vantagem, a intelligencia, converte-se então em desvantagem para ti; a consciencia do teu valor passado será teu tormento. Tu produzes, como eu; como eu, produzes para os outros, não para ti. Ambos erguemos riquezas que te pertencem e que nunca desfrutas. Operario: apoderate de mim; arranca-me dos braços do velho capital; o teu casamento commigo é tua unica salvação. Deixa de ser instrumento para que o instrumento te pertença. Quero-te amo, não companheiro, O capital explora-me, só tu me fecundas. Só a ti quero pertencer.

F. Pi y Arsuaga

Um conto que parece uma verdade

Um amigo (algum pandego pela certa) nos envia este conto que diz ter apprehendido do avô quando era pequeno, mas que si se collocam nos lugares dos cinco homens da fabula, uns typos da sociedade actual, que todos conhecemos, o tal conto fica uma verdade indiscudivel.

Aqui está:

Um homem achou, uma vez um tronco de arvore que a tormenta tinha lançado atravez da rua.

O levou para casa e com elle fez um banquinho para sentarse.

Tinha apenas acabado de reduzir o tronco em um conveniente assento, quando appareceu na choupana um homem, bem trajado, de luvas nas mãos que diz-lhe arrogantemente:

— Levante-se d'ahi porque esse banco é meu.

O outro protestou e disse-lhe que para fazer o banquinho tinha trabalhado muito tempo e que não estava para cedêl-o.

O homem das luvas enfureceu e disse ao outro que era um ladrão porque tinha roubado a arvore que era sua, tendo nascido nas terras de sua propriedade. Falou de direitos, de propriedade, de herança e de tantas cousas, que o utro nem comprehèndia, e, em ultima, puxou do bolso da algibeira uma grande papelada onde estavam escritas tantas historias, para concluir que o tal homem das luvas era o dono do banquinho.

Verdade seja que a tal papelada tinha sido escripta por elle mesmo e, como é natural, dizia o que a ellle mais convinha.

O pobre homem ficou um pouco de tempo com a cabeça cheia de palavras que nunca tinha ouvido, é já começava a perguntar a si mesmo se o tal das luvas não tinha razão (estava escripto encima do papel) e se o banquinho não era realmente delle.

Então entraram na cabana mais dois homens que tinham estado escondidos atraz da porta e um d'elles começou a subbornar na orelha do homem dizendo que era melhor entregar o banquinho, que devia preferir de sentar-se no chão porque um dia, muito distante, seria remunerado d'estes padecimentos.

Diz que um outro senhor, muito mais rico, muito mais poderozo, um dia o levaria juncto de si, com quanto agora se resignasse a soffrer.

O outro homem, o que tinha entrado por ultimo, puxou logo de uma garrucha e gritou:

— Se tu não entregas immediatamente o banco, eu te mato!

Tudo isto acabou por convencer o pobre homem que o banquinho, embora o tivesse feito, não lhe pertencia, e deixou que os tres individuos o levassem e estes sairam rindo e decidiram de servir-se do banco em sociedade. Porém um outro homem que tinha presenciado a scena, escondido atraz da choupana, logo percebeu que os tres gatunos tinham aproveitado da ignorancia do pobre homem para roubar-lhe o banco; entrou na cabana e procurou esplicar-lhe como tinha sido victima de un furto e que o banquinho lhe pertencia pela razão que elle o tinha construido.

Mas o outro não quiz saber de nada. Estava convencido pelas palavras do homem das luvas e pela sua papelada estava attrahido com a esperança de que um dia

devia ir junto com um senhor muito poderoso que o receberia como filho, tinha medo da garrucha do ultimo dos tres individuos e não quiz escutar o que o outro estava falando, pelo contrario, como elle continuara a falar, o pôz fóra da porta a pontapés, izendo: Vae-te embora; tu es meu inimigo. O outro não ficou enraivecido, não reagiu; sentou-se lá fóra e diz: Coitado, elle não tem culpa! »

Eis ahi o conto. Não vos parece que o *nosso amigo* tinha razão?

A solidariedade é o primeiro dever do bom operario.

OITO HORAS DE TRABALHO

Porque se fixa o maximo do dia do trabalho em 8 horas?

1. Porque é a mais longa duração de trabalho que a especie humana — tendo em conta o vigor medio e concedendo aos fracos como aos fortes o direito á existencia — póde supportar, ficando saudavel intelligente e feliz;

2. Porque as descobertas modernas em quimica e em mecanica supprimen a necessidade de podir mais longo esforço fisico;

3. Porque 8 horas de trabalho e uma boa organização do trabalho podem criar uma superabundancia de trabalho para todos;

4. Porque ninguem tem o direito de exigir de seus similhantes um trabalho mais longo que o geralmente necessario á sociedade, só com o fim de enriquecer fazendo muitos pobres;

5. Porque verdadeiro interesse de cada um é que todos sejam saudaveis, intelligentes. contentes, felizes.

ROBERTO OWEN

A columna das perguntas

«Amigos do Carpinteiro»

Já que o vosso jornal tem o fim de fazer desapparecer do nosso meio operario algumas dividas, que ainda continuam entre a maioria de nós; vos dirijo esta carta com a certesa que querereis darme um esclarecimento.

Entre nos operarios. as vezes, iniciam-se algumas conversações que ficam suspensas, porque nenhum de nos pela pouca instrução a respeito, pode fazer uma esplicação clara e comprensivel.

Eis porque me derijo a vos, para acabar com a incerteza que ficou entre um grupo de nos uma d'estas noites. — Depois de ter falado por muito tempo sobre a questão fiquemos indecisos sob este ponto.

Devem as ligas de resistencia, e outras associações operarias, adherir ao partido socialista ou é necessario que elas fiquem autonomas? Agradeço-vos pela resposta que me dareis e auguro ao *Carpinteiro* longa vida e boa propaganda.

Um operavio organisado.

——— Embora a questão que nos leva a frente o *operario organisado* nos parece um pouco inopportuna, pelo facto que o atual movimento operario local é demasiado jovem, porque questões tão importantes necessitem ser postas a frente de outras menos importantes, mas mais necessarias, responderemos por quanto o permitte o espaço pue resolvemos dedicar a esta rubrica, reservando-nos de esclarecer a questão mais tarde com mais espaço e tempo.

As organisações operarias, pelos methodos a que são baseadas, pelos fins que sé prefixam, devem necessariamente, indiscutivelmente ficar autonomas.

A Liga de Resistencia é o resultado directo da lucta de classe e seu valor está em relação com a sua força numerica.

A adesão directa das Ligas ao partido socialista mutilaria a acção syndacal ou a limitaria sentidamente. De facto ellas não seriam abertas se não pelos socialistas, pois a adhesão a Liga teria por consequencia a adhesão, embora indirecta ao partido, e os que do partido socialista não aprovam o methodo. ou aprovam-no so em parte, não poderiam escreverse aLiga e a organisação cessaria de ser organisação *de classe* por ficar agrupação politica. Depois, ao lade das Ligas adherentes ao partido socialista surgiriam, por consequencia, outras Ararquistas, Apoliticas, republicanas, democristans e assim por todos os degraos da escada das tendencias politicas. Esta divisão de força, esta guerra que as Ligas riam fazendo uma a outra seria um danno enorme a espanção do movimento operario. D'isto dedusimos que as Ligas adherentes a este o aquel partido politico acabariam por antepor a tudo as proprias divergencias politica e desapareceriam os beneficios que nos operarios, devemos esperar da solidariedade na lucta contra a classe que nos oprime.

Ainda, se um dos fins da organisação operaria deve ser o de cumprir sobre a consciencia dos operarios o trabalho elementar que o traga gradnadamente ao conhecimento de si mesmo, parece-nos que desde que o endereço politico da Liga limite a adhesão dos operarios, este nosso fim perderia todas as probabilidades de ser posto em pratica sobre vastaescala e a acção da Liga acabaria para perder toda a utilidade sobre este ponto.

Por estes motivos, e por outros que desenvolvaremos quando tornaremos ocuparnos da qnestão, estamos decisamente contrarios a adhesão dos syndacados operarios a qualquer partido politico.

A Redacção.

Greve no Rio

A ultima hora chegou-nos a noticia que os nossos companheiros do Rio puzeram-se em greve e que a mesma vai tomando proporções extraordinarias particularmente entre os operarios das construcções civis.

Nos quereriamos estar lá, perto dos nossos amigos em lucta, nos quereriamos trazer a elles a nossa modesta contribuição de actividade e de acção, tanto nos enche de enthusiasmo a noticia da lucta tão vigorosamente iniciada dos bravos operarios do Rio.

Postos porem na necessidade de ficar longe, muito longe, do campo de acção, devemo-nos limitar a ajudar os nossos companheiros por quanto o pudaremos n'esta capital procurando de despertar no nosso meio operario a solidariedade moral e material para com elles e faremos o possivel porque a lucta iniciada na Capital Federal ache aqui toda a repercução.

Embora porem a distancia que nos separa recebam os companheiros do Rio os nossos augurios más sinceros de uma completa victoria.

Adiante companheiros com coragem e constancia! A justiça, a razão, o direito está com nós, e nos devemos sahir triumphantes da lucta contro a classe que nos oprime.

∴

Do Rio veio entre nos o companheiro João Bemvenuto e d'elles apprendemos como os collegas de lá estejam decididos a substentarse na lucta activos e constantes.

As Ligas dos Trabalhadores em Madeira e dos Operarios Pedreiros e annexos lançaram entre os operarios d'esta Capital o seguinte manifesto:

Operarios Pedreiros, Carpinteiros e annexos

Os operarios adeptos aos trabalhos de construção civil do Rio de Janeiro declararam, desde o dia 27 corrente, a greve geral.

E' indispensavel que os operarios da Classe em S. Paulo, deem aos companheiros do Rio a mais larga solidariedade n'esta causa, na qual estão empenhados os interesses de tantos companheiros de trabalho, é indispensavel que ninguem de vos seja o traidor da causa que actualmente põe em lucta os Trabalhadores em construções Civis do Rio de Janeiro.

Operarios Pedreiros, Carpinteiros, Canteiros, Pintores etc.

Não andais em Rio de Janeiro.

Não andais a atraiçoar os vossos companheiros de Trabalho.

As Ligas Pedreiros e annexos e Trabalhadores em Madeira de S. Paulo, convidam os socios e todos os operarios Carpinteiros, Pedreiros etc. para intervir na reunião geral que se efectuará quarta-feira 31, as 8 horas da noite, ao Largo Paysandú 44.

Será presente um representante das organisações operarias do Rio de Janeiro vindo aqui expressamente».

Quando o nosso jornal sahirá, o comicio iniciado das Ligas de S. Paulo já terá havido logar.

Confiamos que os operarios terão correspondido ao nosso appello e que a solidariedade com os companheiros do Rio se será imposta no comicio como uma necessidade.

Em todo o caso é indispensavel que os nossos Collegas, adherentes ou não, as Ligas de Resistencia, se agitem constantemente no senso de impidir com qualquer meio a que nenhum operario, nenhum «krumiro» parte para o campo de lucta dos nossos amigos, e indispensavel que o sentimento da solidariedade faça com que ninguem dos nossos collegas de S. Paulo seja traidor da causa proletaria.

A emancipação dos trabalhadores deve ser conseguida pelos mesmos trabalhadores.

Abaixo o alcool!

O alcoolismo é infelizmente ainda uma das mais perniciosas chagas da classe operaria, arrastando alem de tudo um numero incalculavel de doenças, entre outras a terrivel tuberculose.

Um medico fez investigações estatisticas muito interessantes sobre a influencia do alcoolismo dos pais sobre a saude dos filhos.

Em 659 familias pôde classificar os genitores deste modo:

a) 183 não bebem;

b) 240 bebem moderadamente, menos dum litro de vinho por dia;

c) 133 bebem immoderadamente, mais dum litro;

d) 103 são bebados.

Ora, os casos de tuberculose ou de perturbações nervosas nos pais e nos filhos repartem-se da seguinte maneira em relação a 100:

Tuberculose

	a	b	c	d
No pai. . . .	4,3	5,8	10,1	13,6
Nos filhos. . .	14,8	14,0	22,2	29,3

Perturbaçoes nervosas

	a	b	c	d
No pai. . . .	1,1	2,5	2,3	2,7
Nos filhos. . .	7,9	13,6	17,2	24,2

Vê-se claramente que se accentuam as taras dum grupo para o outro.

E' pois rigorosamente exacto dizer que combater o alcoolismo è combater a tuberculose.

Por vossa saude e pela de vossos filhos, trabalhadores, não bebais alcool!

Todo homem que bebe è um desgraçado inconsciente, è um misero que se colloca á mesma altura que os irracionaes, è um homem perdido para a revolução.

Incapaz dum gesto de revolta, está disposto a desempenhar todos os baixos papeis de traidor e de espia.

Abaixo o alcool!

(Do «Avanti!»)

Movimento local

Consta-nos que vai ser apresentada uma proposta para reunir en uma Federação Operaria as diversas associações de classe de S. Paulo com o fim de orientar sobre uma base geral o movimento associativo e de ajudar o desenvolvimento das varias Ligas do Resistencia. Inutil digamos que apoiamos a iniciativa com todo o nosso enthusiasmo, convincidos da utilidade que a Federação poderá trazer no nosso meio operario.

∴

Por iniciativa de un grupo de bons companheiros vão-se reunir domingo 4 do corrente nos locaes do Largo Paysandú, 44, os operarios sapateiros e annexos para fundar uma Sociedade de Resistencia entre os operarios da classe.

Os mais sinceros augurios á nova associação irmã!...

∴

A União dos Chapeleiros vai realisar no sabbado 3 do corrente, á noite, uma festa em beneficio dos cofres sociaes, na propria séde.

Recitar-se-hão poesias, haverá kermesse, baile, etc.

∴

Outra festa e com os mesmos fins realizará a Liga de Resistencia entre Pedreiros e annexos na noite do sabbado, 10, no salão «Germania».

Programma

1.º Vispa Teresa, bozzetto em 1 acto de P. Chiesa.

2.º Conferencia pela Sra. Ernestina Lesina.

3.º Cantico dei Cantici, bozzetto em 1 acto de F. Cavallotti.

4.º Baile.

Auguramos uma enchente e boa propaganda.

Nós somos pequenos porque estamos de joelhos; levantar-nos!

Recebemos:

O Trabalhador Gráfico, o elegante jornalzinho dos nossos companheiros das Artes Graphicas. Interessante como sempre.

∴

O Chapceleiro, orgão do Secretariado Nacional dos Chapeleiros (anno I, n. 2). Boa collaboração. *Lani* pubblica um bom artigo de critica sobre a guerra ruso-japonesa. Augurios.

∴

A Federação. Orgão das associações operarias do Rio de Janeiro.

∴

O Congresso. Orgão defensor dos operarios das pedreiras. (Anno I, n. 1). Rio de Janeiro.

∴

Accordem! Orgão da Sociedade dos Carpinteiros e artes correlativas.

A todos os nossos augurios de boa propaganda pela nossa causa.

O nosso Correio

Ai giornali amici ed organi di propaganda operaia ai quali inviamo il nostro giornaletto *chiediamo la gentilezza del cambio.*

A. Caviola.— Mandaci il tuo indirizzo e procura al giornale un pó di diffusione. Saluti.

LIGA DOS TRABALHADORES EM MADEIRA

Domingo, 9 de Junho, assemblea geral ordinaria.

Os collegas em geral, socios ou não, são convidados para intervir.

Aaos amigos e companheiros de trabalho; a todos que concordam com a nossa propaganda pedimos que nos ajudem na publicação de jornal.

E podem ajudar-nos procurar divulgar o nosso jornalsinho, viando-nos noticias sobre [illegible] mento operario e artigos [illegible] paganda; e dedicando á subscripção voluntaria que [illegible] ssam ou quieram.